

A revista *Opsis* que se apresenta é resultado de um duplo esforço de sistematização de discussões em história. Primeiramente, pelo próprio Dossiê temático *História e Sensibilidades*, que é fruto de uma reflexão iniciada no contexto do *VIII Simpósio de História* de mesma temática, promovido pelo Curso de História CAC/UFG em 2007. Naquele momento os organizadores do simpósio, sintonizados com as atuais preocupações historiográficas no Brasil, abriam espaço para debates que iam ao encontro de variadas formas de se fazer história, mas principalmente dentro dos parâmetros da História Cultural.

Se, como Pesavento (2006, p. 161), entendemos que “a sensibilidade está no cerne da História Cultural, que se propõe a trabalhar com as formas pelas quais os homens, a partir de suas histórias, representavam a si próprios no mundo”, podemos compreender que o campo do sensível diz respeito a nós, como historiadores, mas também, a nós como sujeitos de histórias diversas. Assim, as discussões realizadas permitiram empreender debates dentro dos quais a questão da sensibilidade humana aparecia como viés de análise, explicação e compreensão da história.

Portanto, é motivo de alegria e orgulho, dois estados d’alma positivos, que significam otimismo e gosto pela história, apresentar uma publicação que traz como escopo as discussões sobre as sensibilidades na história sem, no entanto, abrir mão da presença de outros temas e outros recortes teóricos que dão conta do quão amplo e dinâmico é o campo historiográfico. Lembrando Paul Ricoeur (2007), em seu monumental *A memória, a história, o esquecimento*, se a humanidade tem se assentado na busca por uma memória feliz, ao historiador, como parte dessa mesma humanidade, caberia a formulação, ou a busca, de uma, também, história feliz; o que não significa eximir-se da história como tragédia e sofrimento, mas tão somente cumprir um papel social e humano de se ocupar da aventura de homens e mulheres no mundo.

Dessas implicações, do trato das sensibilidades pela história, abre-se a revista com o *Dossiê: História e Sensibilidades*, composto por quatro artigos. Os dois primeiros se originaram das conferências ministradas pelos autores no simpósio acima referido e tratam, cada

um a seu modo, de tons e sons da / na história. Adalberto Paranhos problematiza o culto ao trabalho do Governo Vargas através da musicalidade, glorificadora da batucada e que se expressa como enfrentamento à apologia ao trabalho como valor. Júlio César de Oliveira, por seu lado, apresenta a polifonia, aparentemente perdida, do Arraial do Tijuco, nos séculos XIII e XIX, mas que o autor consegue *divisar e ouvir*, valendo-se, para tanto, de diferentes documentos históricos.

Ainda compondo o dossiê temático, mas sem vínculos com o simpósio em destaque, a revista traz o artigo de Veruska Anacirema S. da Silva que discute algumas noções de memória e afetividade, segundo uma perspectiva interpretativa que se assenta na obra de Norbert Elias. Finalizando o dossiê tem-se o artigo de Pedro Vilarinho Castelo Branco que problematiza a casa como lugar de afetos e afagos num contexto de transformação cultural, tal como aparece na literatura piauiense de início do século XX.

A segunda seção da revista, *Artigos*, traz trabalhos de temas livres, nos quais os autores, propondo variados objetos de investigação, apresentam pesquisas ou preocupações no campo das ciências humanas.

Em discussões relacionadas à teoria da história, primeiramente, tem-se o artigo de Laurindo Mékie Pereira que debate as configurações atuais da Nova História Política e do Marxismo. Tem-se, em seguida, o artigo de Ricardo Marques de Mello, ocupado em apresentar, de forma introdutória, a teoria do discurso historiográfico de Hayden White. Tem-se, também na perspectiva de diálogo com a teoria da história e debates sobre tempo e narrativa, o artigo de Cristiano Alencar Arrais e Eliézer Cardoso de Oliveira e, para complementar tais discussões, Maria Clarice Rodrigues de Souza debate a função social do historiador.

Os dois artigos seguintes trazem à baila as discussões sobre literatura e história. Flávio Pereira Camargo e Larissa Candido Beltrão dialogando, em seu artigo, com a poesia de Drumond e Kamilly Barros de Abreu Silva problematizando a literatura de testemunho a partir da obra de Graciliano Ramos.

Em discussões que tratam do século XX, tem-se o artigo de Tatiana Lima Siqueira, que problematiza as disputas e questionamentos das fronteiras de gênero sentidas por mulheres que empreenderam ações de lutas pelo voto, educação e trabalho. Tem-se também o artigo de

Mirian Bianca Amaral Ribeiro, cuja reflexão sobre morte é realizada tomando a morte de Tancredo Neves como foco da análise. Já o artigo de Maria Helena de Paula traz como hipótese de leitura a configuração cultural e lingüística, definidas por suas inter-relações, tais como as mesmas se apresentam em recortes da cultura popular rural em Catalão – GO. Os dois artigos seguintes tratam de cultura e sociedade, sendo que Jefferson de Almeida Pinto se dedica a pensar a filantropia e o controle social e Paulo Marreiro dos Santos Junior se dedica a pensar a medicalização da sociedade no contexto da Belle Époque.

Já os dois últimos artigos dessa seção, dedicando-se a tempos mais recuados, apresentam a análise dos aspectos da luta social de pardos, forros e livres em Vila Rica no século XIII, no artigo de Daniel Precioso; e os vários impactos da chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil, debatidos no contexto das comemorações do bicentenário desse marco histórico, temática do artigo de Carolina Carvalho Ramos de Lima.

Por fim, na seção *Resenhas*, encerrando as discussões propostas por esse número da revista *Opsis*, Emerson Dionísio Gomes de Oliveira apresenta sua resenha do livro *O sol do Brasil*, de Lilia M. Schwarcz.

Márcia Pereira dos Santos
Dezembro de 2008